

# InFormAÇÃO

[www.jnd.ifsp.edu.br](http://www.jnd.ifsp.edu.br)

Av. Dr. Cavalcanti, N°396, Complexo Argos, Vila Arens – Jundiáí - SP – 13201-003 Tel: (11) 2448-8500

*Março Azul Escuro é o mês direcionado ao combate e à prevenção do câncer colorretal.  
Esta edição temática também homenageia as mulheres pelo dia 8 de março.*

## Mulheres na História

Por Paula Lúcio

Validado pela Organização das Nações Unidas (ONU) na década de 1970, o Dia Internacional da Mulher é uma data comemorativa dedicada à explanação e à conscientização das conquistas sociais, políticas e econômicas das mulheres. Ainda que repleta de controvérsias, a origem da iniciativa desenrolou-se entre o final do século XIX e o início do século XX, nos territórios europeu e norte-americano, no contexto das lutas feministas por melhores condições de vida e de trabalho, além da participação democrática em decisões – como o direito ao voto.

Um dos primeiros marcos da data aconteceu em 08 de março de 1908, quando, sob determinação do Partido Socialista da América, em memória de uma greve realizada 51 anos antes, foi realizada uma grande passeata de operárias da indústria do vestuário de Nova York. Naquele dia, aproximadamente 15 mil mulheres marcharam nas ruas da cidade reivindicando melhores condições de trabalho, como jornada de 12 horas, elevação salarial e, ainda, o sufrágio. Dessa forma, solenizava-se o dia Nacional Americano da Mulher.

Em 23 de fevereiro de 1917, houve a deflagração da Revolução Comunista. Trabalhadoras russas do setor de tecelagem teriam, deliberadamente, saído às ruas em prol da requisição de alimento e o retorno dos maridos e filhos da guerra. Diante de tal conjuntura, os soldados de czar – título usado pelos monarcas dos Impérios Búlgaros – não exprimiram comportamentos habituais, mas ficaram observando sem apreender a ousadia das mesmas. Logo, esse foi designado como o Dia Internacional das Mulheres Operárias.

Um terceiro bloco de narrativas atribui à revolucionária comunista Clara Zetkin a definição da data 8 de março como o Dia Internacional da Mulher. De acordo com essa história, a revolucionária, nascida em 1857, na Alemanha, deputada em 1920, membro do Partido Comunista Alemão, militante do movimento operário que se dedicava à conscientização feminina, teria proposto, no II Congresso Internacional das Mulheres Socialistas, realizado em Copenhague (Dinamarca) em 1910, a instituição de um Dia Internacional da Mulher. Algumas pessoas dizem que o dia proposto por Clara Zetkin fora 8 de março em memória das operárias queimadas, em 1857, nos Estados Unidos. Outras dizem que ela apenas propôs

a criação do dia, sem definir uma data., como explica Joana Maria Pedro, historiadora e doutora em História Social pela USP.

Atendendo a essas três concepções, a comemoração de um Dia Internacional da Mulher aparenta ser uma prática suficientemente antiga. Seja o Dia da Mulher, seja da Mulher Socialista, ou da Mulher Operária, encontra-se, a datar de muito tempo, o desejo da instauração de um dia, voltado ao combate pelos direitos iguais e ao empoderamento feminino.

À vista disso, entendemos que, embora mais tarde intituladas fundamentais, as múltiplas manifestações da luta feminina não despertaram substancial visibilidade em sua época. Em conformidade com o artigo 'História e gênero: A condição feminina no século XIX', de Lourenço Resende da Costa, "a situação feminina era frágil nessa sociedade em que, além das omissões sociais quanto à conduta masculina, havia uma insegurança jurídica enorme para a pessoa do sexo feminino". Isso é, a representação dos dois sexos não é simétrica, ela parte da hierarquização socialmente aceita. Assim, para sua legítima compreensão, faz-se de suma importância atentar-se às históricas relações de poder entre os gêneros, centradas na figura do homem.

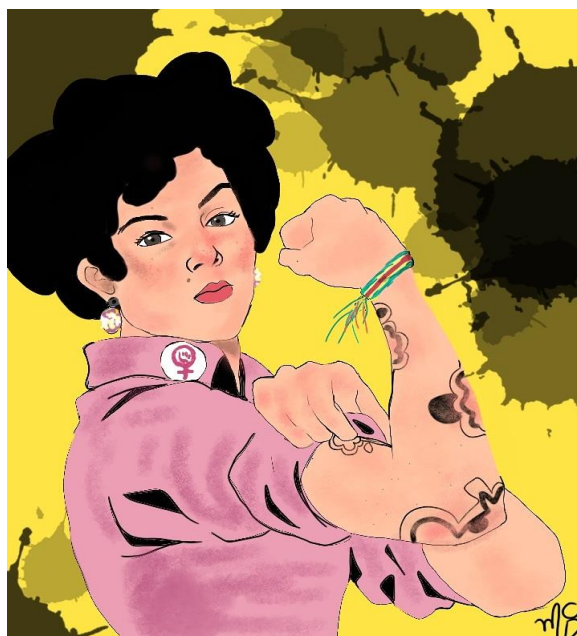


Ilustração: Murilo Donizeti

## Estamos com elas e não contra elas!

Por Yara Oda



A sociedade atual, infelizmente, é fortemente influenciada pelo patriarcado e pelo machismo. Historicamente, o gênero masculino foi posto como superior ao feminino, dando à mulher um papel secundário. Com isso, passou-se a acreditar que a mulher era um ser dependente do homem, criando a ilusão de que nós, mulheres, não éramos suficientes por nós mesmas. Além disso, pensava-se que as mulheres deveriam, além de servir aos homens, competir por eles, colocando assim muitas de nós umas contra as outras, enfraquecendo a união e a sororidade feminina. Também é válido frisar que a cultura patriarcal utiliza-se das próprias mulheres para prejudicar outras mulheres, criando a chamada inimizade feminina, uma rivalidade entre nós mesmas que impede que nos identifiquemos umas com as outras. Logo, para combater a falsa valorização, aceitação e ascensão gerada pela inimizade feminina, o feminismo precisa favorecer e promover a sororidade.

Com o passar dos anos, o movimento feminista foi ganhando mais e mais força, propagando ideias que, além de irem contra a crença da superioridade da figura masculina, pregada pelo machismo, também iam a favor da união das mulheres por um objetivo em comum: a igualdade de direitos entre gêneros e o empoderamento feminino. Na segunda onda feminista, que teve seu início em meados dos anos 50, as mulheres estavam buscando a origem da opressão feminina. Neste momento, surge um dos mais famosos jargões feministas, “*Sisterhood is powerful*”, ou seja, “*A irmandade entre mulheres é poderosa*”, sendo a união e a conscientização feminina por meio de atividades coletivas um dos principais artifícios utilizados por essas mulheres para fortalecer o empoderamento feminino enquanto grupo coletivo.

Tal irmandade entre as mulheres foi se intensificando cada vez mais e acabou se tornando **sororidade**. Mas afinal, você sabe o que é sororidade? Derivado do latim “sórór”, que significa irmãs, sororidade significa a criação de relações de irmandade entre mulheres. Entretanto, esse conceito vai muito além disso, sendo também utilizado para descrever a construção de relações saudáveis, que objetivam a criação de alianças existenciais e políticas entre mulheres, visando à destruição das múltiplas maneiras de opressão. Assim, a sororidade cria uma rede de apoio feminina, objetivando a formação de uma consciência crítica acerca da misoginia, ou seja, trata-se de um esforço tanto pessoal quanto coletivo voltado para a desconstrução da mentalidade e da cultura

misóginas e patriarcais. Portanto, a sororidade cria alguns mecanismos de defesa a agressões e aos mais variados tipos de violência contra as mulheres.

Traçando uma linha do tempo, fica nítido que as mulheres não teriam sobrevivido em condições tão opressivas se não tivessem contado com o apoio uma das outras, evidenciando a importância da sororidade. Dessa forma, buscando propiciar melhores condições para as mulheres, derrubando obstáculos patriarcais, a sororidade cria uma rede de apoio mútuo entre mulheres, na qual apoiar quer dizer **empoderar**. As principais “regras” da sororidade são: ter empatia e companheirismo com outras mulheres, respeitar as escolhas de outras sem julgar, não incentivar a rivalidade feminina, não reforçar estereótipos machistas que reduzam as outras e respeitar outras mulheres, para assim alcançarmos objetivos em comum.

Algo que confunde muitas pessoas acerca da sororidade é o fato de pensarem que, para agir de forma sororitária, é necessário ter amizade. Isso, entretanto, é um erro, uma vez que não é preciso ser amiga de outra mulher para vincular-se de forma sororitária, seja apoiando seu trabalho, não a tratando como rival ou não julgando suas escolhas. Portanto, conclui-se que a sororidade é algo indispensável para que nós mulheres vençamos muitos dos obstáculos impostos pelo machismo e pelo patriarcado, já que reforça o empoderamento feminino tanto no âmbito pessoal quanto no coletivo. Além disso, é importante ressaltar que, se nós quisermos um futuro igualitário entre homens e mulheres, a revolução começa em nós mesmas, fortes, independentes e unidas. E lembre-se: apoiar mulheres quer dizer empoderá-las, estamos com elas e não contra elas!

### ALERTA, SPOILER!!!!

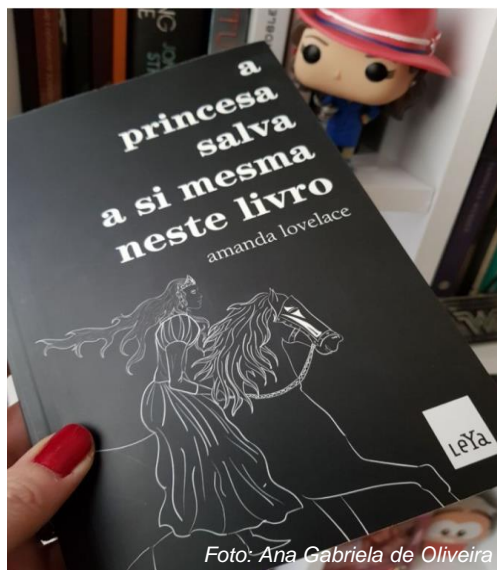


Foto: Ana Gabriela de Oliveira

## Seja seu próprio amor!

Por Ana Gabriela de Oliveira

As mulheres têm uma espécie de magia e, ao contrário do que muitos pensam, são mais incríveis do que imaginam.

A personagem da obra “*A princesa salva a si mesma neste livro*”, de Amanda Lovelace, é um incrível exemplo de poder feminino.

A poesia é narrada pela própria personagem que conta, detalhadamente, sua vida e todos os obstáculos que enfrentou quando tinha 19 anos.

Ainda muito nova, a menina foi vítima de estupro, o pior ato de violência que invade o íntimo de alguém e tira sua privacidade. Posteriormente, ela enfrenta um relacionamento abusivo e a morte de sua mãe, vítima de câncer.

Após uma depressão profunda, a garota decide salvar a si mesma e ser sua própria salvação.

A história nos mostra a força que as mulheres carregam dentro de si, além da realidade das vítimas de violência sexual (ou moral). Com isso, portanto, desconstruímos a ideia da espera por um príncipe encantado.

O livro também conta com um capítulo especial dedicado aos leitores, um espaço onde a autora incentiva as pessoas a serem o próprio amor de suas vidas.

Diante de uma história tão intensa, podemos ver a força que a personagem teve ao salvar a si mesma de um ambiente de dor e sofrimento, além de se colocar em um lugar cheio de amor próprio e esperança.

A palavra “INDEPENDÊNCIA” já faz parte da rotina da maioria das mulheres, que pega transporte para trabalhar/estudar, compra sua casa com dinheiro próprio, sai para se divertir à noite sem aquela sensação de estar fazendo algo contra a lei (ou de realmente fazer algo contra a lei, como já foi em outras épocas). Vivemos em uma sociedade ainda machista, mas as mulheres, a cada dia que passa, têm mais força e mostram ao mundo o quanto guerreiras são.

O Dia Internacional da Mulher não exige só um “feliz dia das mulheres”, mas reflexão e discussão sobre como são tratadas, as diferenças, discriminações, violências morais, psicológicas, verbais, físicas e sexuais. Por um mundo igualitário e menos desigual, onde lágrimas de tristeza e dor transformam-se em risos de alegria e mais segurança!

---

## Eles matam, Elas matam

Pela Garota do Cabelo Azul

---

## A Valorização da Mulher

Por Lyvia Ismael



Ilustração: Ana Helena Pontes dos Santos, aluna do IFSP Câmpus Presidente Epitácio

As mulheres do século XXI já sofreram muita opressão, mas nada as deixou abater-se. Elas vêm mostrando seu poder, sua garra e determinação ao mundo, fazendo com que os pensamentos machistas caiam aos poucos – aquela imagem de que mulher tem que ser “delicada, obediente, a princesa que espera o seu príncipe encantado aparecer para salvá-la da torre, casar e apenas ficar em casa atrás do fogão e cuidar dos filhos” mudou!

Em muitos filmes, por exemplo, podemos ver que a questão do amor verdadeiro já não é mais retratada apenas como o amor entre homem e mulher, e sim com animais, irmãs/irmãos, pai, mãe, avô, avó e por aí vai.

O século XXI, o século de revolução e evolução para o pensamento feminista, veio para quebrar padrões. A mulher passou a redefinir seu papel na sociedade, destacando-se em mais áreas e ocupando cargos a que anteriormente não teria sequer acesso.

Hoje, é possível ver mulheres engenheiras, advogadas, professoras, astronautas, mecânicas, pedreiras, médicas, cirurgiãs e tantas outras profissões que antes eram “exclusivas” dos homens.

Quando ouvimos ou lemos notícias sobre assassinatos em série, logo nos vem à mente a figura de um ser, **um homem**, alguém perverso, que mata sem pestanejar, deixando rastros de sangue por onde quer que passe e assassinando, principalmente, mulheres. Mas quando o inverso ocorre, quando na verdade o assassino é **uma mulher**, a mídia reúne esforços para sexualizá-la, até que sua aparência inofensiva apague os vestígios de seus crimes.

O livro *Lady Killers: Assassinas em série* traz catorze casos criminais de diferentes mulheres que, ao longo da história, envenenaram, torturaram e, sobretudo, **mataram**. Ao ler, podemos encontrar visões distintas sobre cada caso, sendo elas midiáticas, jurídicas ou até mesmo relatos de pessoas que viveram no mesmo período que as assassinas, de forma que isso instigue o leitor a criar uma opinião própria sobre o ocorrido.

Além disso, a autora Tori Telfer analisa a construção da figura da mulher assassina através dos séculos, indo desde o arquétipo da feiticeira que matava e arrancava dedos por prazer (como no caso da Condessa Elizabeth Báthory) até a vovó simpática que cozinhava com amor – e uma colherzinha de veneno, Nannie Doss. Devido à ideia de sexo frágil, a sociedade tornou-se incapaz de acreditar que as mulheres são capazes de matar friamente, e, por vivermos nessa constante negação, os seus disfarces passam cada vez mais despercebidos por todos nós.

É importante observar que a obra não tem como objetivo condenar ou moldar as mulheres como seres maléficos e vis, mas enfatizar que o poder feminino se estende fatalmente até o âmbito criminal, e que, sim, **também existem assassinas em série**.

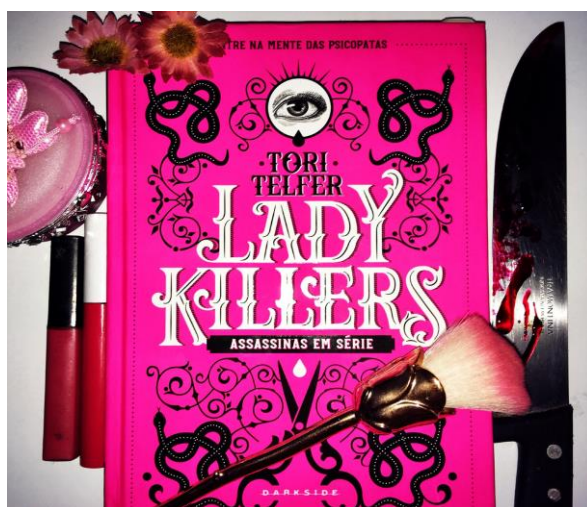


Foto: Garota do Cabelo Azul

# Mulheres no Esporte

Por Adhemar Molon Neto

A predominância mundial nos esportes sempre foi masculina. Entretanto, vemos que o gênero feminino vem despontando e se consolidando cada vez mais.

Apesar de a quantidade de atletas de ambos os gêneros estar se equiparando (levando em consideração as últimas Olimpíadas), a visibilidade feminina está longe de ser igual. Como exemplo, temos o futebol feminino que, por conta da baixa audiência que recebe, não adquire investimento e patrocínio digno de seus feitos. Esse fato está relacionado a um preconceito cultural que julga a habilidade do atleta não por seus atos, mas por seu gênero. Marta, uma atleta referência no mundo todo, é a jogadora de futebol com mais bolas de ouro na história do futebol feminino. No entanto, seu salário é 99,15% menor do que o de Lionel Messi, jogador com mais bolas de ouro na história do futebol masculino, demonstrando, assim, que não existe uma imparcialidade de gênero nos esportes.

Quando buscamos no passado, observamos que tal desigualdade era sustentada pela própria sociedade, em que legalmente as mulheres eram proibidas de praticarem esportes considerados “incompatíveis com as condições de sua natureza”. Assinado por Getúlio Vargas em 14 de abril de 1941, o artigo 54 do decreto de lei 3.199 afirmava que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”.

Mesmo 40 anos após esse decreto e com a evolução do papel da mulher no coletivo, ainda presenciamos muita relutância referente a sua presença nos esportes. Embora não exista mais a proibição legal da prática de alguns esportes, a coletividade ainda julga determinadas modalidades como “esporte para homens”. Isso se dá pela forte presença do machismo, que não aceita que a mulher possa ser capaz de exercer qualquer função ou praticar qualquer esporte por ser considerada um gênero frágil, limitado apenas ao zelo do marido, da casa e dos filhos.

Entretanto, sabemos que a mudança dos pensamentos que estão enraizados na cultura de uma sociedade é um processo árduo e longo, baseado na mudança das novas gerações. Ainda temos muito a lutar para que a posição da mulher seja igualada à dos homens, não só no aspecto esportivo, mas também no contexto social.

## Semana de acolhimento 2020

Por Karen Rezende

Durante a primeira semana de aula (de 10 a 14 de fevereiro), aconteceu a Semana de Acolhimento aos alunos do Ensino Médio integrado ao Técnico em Logística, com diferentes atividades para recepcionar os novos ingressantes e os antigos alunos.

No decorrer da semana, houve, no auditório Elis Regina, a apresentação da escola e dos projetos realizados em 2019 para os calouros. Também foram elaboradas dinâmicas e produções que tratavam dos estereótipos de gênero, baseadas em um documentário sobre o assunto.

Os alunos ainda tiveram uma oficina de grafite com a grafiteira Bruna Santos (@bruyeah), em que ela falou sobre o grafite como forma de arte e o não reconhecimento das mulheres nesse meio.

A semana também foi marcada pela gincana entre todas as turmas, que tinha por objetivo a interação entre todos os alunos, de uma forma divertida e descontraída, além de contar

com tarefas em que os alunos usaram seus conhecimentos e mostraram seus talentos. As turmas foram divididas por cores: o 1ºA ficou com a cor verde; o 1ºB, com vermelho; o 2º ano, azul; o 3ºA, amarelo e o 3ºB, rosa. Com a organização das Coordenadorias de Apoio ao Ensino e de Logística, foram realizados desafios, jogos teatrais, quiz e soletrando.

Além disso, houve o “trote solidário”, com a arrecadação de lacres de alumínio, que serão doados para o Instituto Entre Rodas, e tampinhas de plástico, que serão doadas para o Instituto Braille. Cada atividade realizada rendeu pontos para as turmas e, pela segunda vez consecutiva, totalizando 1709 pontos, a sala do 3ºB (equipe rosa) foi campeã. A pontuação das outras turmas ficou: 1ºA - 743 pontos; 1ºB - 1173 pontos; 2º ano - 1634 pontos e 3ºA - 1668 pontos.

Na sexta feira (14), para encerrar a semana, os alunos trouxeram comes e bebes para uma confraternização com tema de carnaval, finalizando com encenações e uma competição de fantasias.

*Trazemos aqui algumas fotos do evento: à direita, oficina de grafite; abaixo, apresentação do jornal; mais abaixo, competição de fantasias.*



Fotos: IFSP Jundiaí

### EXPEDIENTE

**Editoração/Revisão:** Adriana Fernandes, Gabriela Alias e Ana Helena Fiamengui. **Diagramação:** Paula Lúcio.

*Jornal desenvolvido por alunos do ensino médio integrado ao técnico em logística do Instituto Federal de São Paulo – Câmpus Avançado Jundiaí.*